

-- SEÇÃO VII --

**PRÁTICAS DE LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR**



## POSTER\*

**PRÁTICAS DE LEITURA DA PROFESSORA DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Ana Lúcia GUEDES-PINTO (IEL-FE-CM/UNICAMP)

*ABSTRACT: This paper is about the reading's practices of the elementary school teachers. Since their childhood until now a days, all the memories about their lives are important to understand their reading practices. The methodology choose was the ethnography and the oral history. This research is still in process, but some conclusions about the reading's practices are in construction and, in this paper, there are some discussion about that.*

## 0. Introdução

Atualmente a professora das séries iniciais do ensino fundamental vem sofrendo um processo de perda de sua autonomia de trabalho, de salário, das condições mínimas de realização de suas responsabilidades com a instituição escolar em que trabalha e com seus alunos (Linhares, 1995). Segundo estudo minucioso de Paiva (1997), a categoria profissional do magistério tem vivido um agudo movimento de pauperização de sua carreira que tem se agravado nos últimos vinte anos.

Junto a isso, a professora, principalmente a das séries iniciais, tem sido "apontada" pela mídia e também, algumas vezes, pelas próprias instituições formadoras como uma profissional mal qualificada e mal formada. A professora tem sido abordada, principalmente pelos jornais impressos (vide resultados de pesquisas do MEC divulgados pela *Folha de São Paulo* em 96 e 97 sobre o perfil do corpo docente do ensino público), como uma profissional despreparada para exercer sua função de alfabetizadora. Revistas como a *Educação* (n. 207/julho/98), publicada pelo Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de São Paulo e que possui uma ampla circulação no meio educacional, tem como título da reportagem de capa a seguinte manchete: "Desprezo pela Leitura" e no interior da mesma, os professores são enfocados como um dos colaboradores para a situação descrita pelo artigo. Alguns estudiosos, como Dias-da-Silva (1998), sinalizam esse movimento de "culpabilização" do professor pelos problemas do ensino, que teve forte impacto nas produções científicas sobre o tema da educação, e levantam a necessidade de se mudar este enfoque:

Muitos foram os estudos que revelaram a presença de ensino verbalista, mnemônico e acrítico nas salas de aula das escolas públicas e subliminarmente apontavam os professores como peças-chave na perpetuação da mediocridade pedagógica, ou explicitamente atribuíram forte parcela de "culpa" à incompetência e à mal formação dos professores (p. 36).

Theodoro da Silva (1995) revela como as professoras (principalmente aquelas que se dedicam ao ensino fundamental), em função de toda essa conjuntura vivida no cotidiano do seu trabalho, têm sofrido um processo de perda de sua identidade como profissional.

É necessário ressaltar também a especificidade da questão de gênero que marca essa profissão exercida nas séries iniciais: segundo pesquisa do MEC

\* Sessão de Posteriores Coordenados "Práticas de Leitura e Formação do Leitor".

publicada pela *Folha de São Paulo* em maio de 1996, 90,7% dos professores do 1º grau são constituídos por mulheres. Não se deve, dessa forma, ignorar esse dado ao se propor um estudo sobre este profissional.

Desse modo, fica evidente que a carreira do magistério está atravessando uma séria crise, crise essa que não se iniciou nos tempos atuais (pois desde o século XIX a remuneração do trabalho docente já era motivo de manifestações públicas de alguns intelectuais - Lajolo & Zilberman, 1996), mas que vem cada vez mais se recrudescendo.

#### 1. Situando o estudo: objetivos

Dentro desse contexto de desvalorização e de não-credibilidade ao trabalho das professoras é que se insere a preocupação de penetrar realmente nesse universo particular (extremamente fragmentado e visado tanto pelo meio acadêmico quanto pela mídia) das professoras para possibilitar um outro olhar às práticas de letramento (Kleiman, 1995) desta profissional. Afinal, ainda é atribuído à ela a tarefa de alfabetizar seus alunos nas letras e nas operações matemáticas, responsabilizando-se então por encaminhá-los ao mundo dos conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados pela humanidade.

A partir desta perspectiva, este estudo busca perceber que práticas de leitura circunscrevem o cotidiano dessas mulheres e a que práticas de letramento (Kleiman, 1995) vivenciaram no seu passado e vivenciam nos dias de hoje: como foram iniciadas à leitura, quais são suas histórias de vida com relação a estas práticas, que concepções de leitura, texto e letramento possuem, que tipos de textos elas mais gostam, ou seja, que tipo de consumo cultural faz parte de suas vidas.

#### 2. Pressupostos teóricos

Este trabalho fundamenta-se no referencial de pesquisa da História Cultural, baseando-se principalmente nos trabalhos de Chartier (1990; 1997) a respeito da prática social da leitura e de Certeau (1994), que possui diversos estudos sobre as vicissitudes dos sujeitos imersos em seus cotidianos.

Chartier (1997) chama a atenção, quando se pretende investigar práticas de leitura, para a necessidade de sempre se ter em vista os referenciais espaço-temporais e de suportes materiais dos textos que são lidos. Ele enfatiza a *necessidade de uma atenção redobrada à materialidade dos textos e à corporalidade dos leitores* (p. 68). Outra questão que considera fundamental quando se tenta discutir como as leituras foram e são feitas pelos diversos sujeitos que a praticam, é tomar como base que os sentidos são construídos nas relações concretas ente leitor-texto e que as apropriações desses sentidos são estabelecidas por meio destas relações:

...identificar os efeitos de sentido produzidos pelas formas, sejam elas do escrito, do impresso ou da voz, é uma necessidade para compreender, em sua historicidade e suas diferenças, os usos e as apropriações de que os textos, literários ou não, foram objeto (Chartier, 1997, p. 74)

Este referencial teórico pode auxiliar a se penetrar neste universo particular da professora das séries iniciais, que provavelmente deve possuir suas

contradições, suas tensões e suas ambigüidades. Isto porque ele oferece um deslocamento das análises tradicionalmente construídas pelos cientistas sociais. O cotidiano, o ordinário, o saber-fazer diário do cidadão comum (da professora) passa a ocupar um espaço até então não permitido pela Academia. A possibilidade de uma verdadeira imersão na cultura parece ser possível. Certeau (1994) esclarece:

O trivial não é mais o outro; é a experiência produtora do texto. O enfoque da cultura começa quando o homem ordinário se torna o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento. (grifo do autor - p.63)  
O caminho técnico a percorrer consiste, em primeira aproximação, em reconduzir as práticas e as línguas científicas para seu país de origem, a everyday life, a vida cotidiana. (p. 64)

Em Certeau (1994) também pode-se perceber a importância dos relatos advindos desses cidadãos comuns (denominados por ele como “consumidores”). Mais do que testemunhos de uma vivência, constituem em si mesmos sua própria experiência. Dessa forma, suas narrativas são fundamentais se se pretende penetrar nas suas práticas, embevecer-se em suas águas:

O relato não exprime uma prática. Não se contenta em dizer um movimento. Ele o faz. Pode-se portanto compreendê-lo ao entrar na dança (p. 156)

### 3. Metodologia

Tendo em vista este panorama, descrito anteriormente, em que a professora está circunscrita, este estudo busca, então, resgatar, através de um “mergulho” no cotidiano desta profissional, suas vivências com leitura e escrita - desde sua infância, recuperando, através de um processo de rememoração (Bosi, 1995), sua relação com a leitura no seu passado e nos dias de hoje. Pretende-se também fazer uma análise das narrativas das professoras entrevistadas. Nesta análise, tem-se como escopo da investigação as concepções de leitura, texto e letramento que, provavelmente, estarão perpassadas em suas falas.

A metodologia escolhida para esta pesquisa está baseada na linha qualitativa, seguindo a abordagem etnográfica (Lüdke & André, 1986; Ezpeleta & Rockwell, 1989) quanto aos procedimentos de idas a campo e no uso dos diários de campo, no registro constante dos contatos com as professoras e da observação participante, característica deste tipo de trabalho (Barbosa, 1997).

Também segue a linha de investigação da História Oral (Meihy, 1996; Von Simson, 1997) quanto aos procedimentos e orientações na forma de realização das entrevistas e no tipo de vínculo e compromisso que se cria com as professoras pesquisadas. A História Oral tem se caracterizado por sua opção por trabalhar com aqueles que, muitas vezes são silenciados pela história oficial e que têm sua voz abafada pela mídia e pelos que possuem legitimidade na sociedade estabelecida (Portelli, 1997). As professoras das séries iniciais da rede pública de ensino parecem possuir essas características. Além disso, a História Oral parte do pressuposto de que, para que o trabalho seja realmente fidedigno e respeitado, deve ser construída uma relação de efetiva parceria entre pesquisador-

pesquisado, onde deve haver um comprometimento de retorno e troca contínua entre ambos os lados.

População-alvo: Os sujeitos deste estudo, dessa forma, constituem-se por professoras da rede pública do município de Campinas que lecionam no ensino fundamental e que se dispuseram, voluntariamente, a participar de encontros com a pesquisadora onde o ponto central das entrevistas era sobre suas memórias a respeito de suas práticas de leitura e letramento.

#### 4. Resultados

Este estudo está em andamento, porém, como a Etnografia e a História Oral admitem que a realização das análises vá se constituindo durante o próprio desenvolvimento da coleta de dados, algumas considerações sobre o trabalho estão sendo elaboradas e algumas delas serão problematizadas neste pequeno texto.

Até o presente momento, nos encontros realizados com as professoras, pôde-se perceber que elas possuem uma trajetória de vida em que as práticas de letramento se constituem, de fato, presentes e integrantes de seu cotidiano, ao contrário do que geralmente se acredita e que do é divulgado.

Suas práticas de leitura são bastante diferenciadas conforme a história de vida de cada uma delas. Depara-se com um uma diversidade de práticas culturais bastante acentuada. Conforme Chartier (1990) e Certeau (1994) enfatizam, a pluralidade das práticas de leitura e a grande heterogeneidade de textos que estão sendo encontrados é uma realidade dessas profissionais do ensino. Não é possível traçar uma única prática de leitura observada, mas muitas, diferenciadas pelas trajetórias singulares da vida de cada professora.

Algumas de suas leituras, muitas vezes, caracterizam-se por não possuírem legitimidade diante do que é considerado uma leitura “cultura” ou “adequada” a uma professora. Assim, fogem do referencial e do modelo “ideal” que a Academia corrobora. Isto é, observou-se a presença freqüente de leitura de revistas diversas (desde revistas femininas até algumas com caráter pragmático, de auxílio às professoras em sala de aula, como a *Faça Fácil*, *Nova Escola*), romances “açucarados”, livros de auto-ajuda e leituras bíblicas como componentes cotidianos da vida das professoras. Mas, como este tipo de leitura não é valorizado pela universidade ou pela Academia, as professoras acabam escondendo e desqualificando muitas destas leituras que fazem parte de seu cotidiano.

Outras professoras vivenciam práticas mais diversificadas ainda, incluindo desde leituras ditas “femininas” como revistas *Ponto Cruz*, até leituras diárias dos jornais da cidade e/ou estado, assinatura de revista informativa como *Veja/IstoÉ*, assinatura do *Círculo do Livro* e leitura de livros mais do estilo literário.

Um traço que está sendo bastante comum em todas as narrativas é o fato das professoras, freqüentemente, consumirem revistas, livros e/ou informativos que veiculem material que possam melhor informá-las e orientá-las no exercício do seu trabalho no magistério. Percebe-se, portanto, que as professoras possuem, como componente marcante de suas práticas de leitura, a preocupação e

dedicação ao seu trabalho, buscando, através de suas possibilidades concretas de acesso à leitura, aperfeiçoar sua prática docente.

Conforme enfatizado anteriormente, a inserção da pesquisadora no campo e seu relacionamento com as professoras estão fundamentados pela metodologia da História Oral e da Etnografia. As análises ainda estão em processo, tendo como escopo perceber nas narrativas apresentadas que concepções de leitura, texto e letramento as professoras possuem.

Este trabalho se justifica na medida em que está voltado a discutir e refutar a idéia já “mitificada” e bastante difundida da professora do ensino fundamental como sendo uma profissional que não domina a escrita e a leitura e, assim, não está devidamente preparada para ensinar seus alunos. Não se pode ignorar que o ensino público de nosso país está baseado e depende do trabalho dessas profissionais. Desse modo, faz-se necessário abrir uma nova perspectiva de olhar para as práticas culturais e sociais que são constitutivas no interior do cotidiano destas professoras para se poder realmente compreender suas concepções de leitura e letramento.

Dessa maneira, pode-se trazer uma contribuição na mudança de enfoque sobre as práticas de leitura assumidas pelas instituições formadoras destas profissionais que, muitas vezes, oferecem cursos de capacitação ou atualização. Pelo fato dessa pesquisa estar revelando, até o momento, que algumas das leituras que fazem parte do universo das professoras não possuem legitimidade diante da Academia e dos representantes de uma cultura mais letrada e dita erudita, este estudo pode oferecer novos pressupostos de ação para uma melhora significativa no ensino para o magistério. Pode-se pensar na possibilidade de um novo direcionamento dos cursos oferecidos que visem a uma formação voltada realmente às necessidades e à realidade da vida cotidiana destas profissionais, contribuindo, então, para uma revalorização de sua auto-estima, que tem sido tão abalada ultimamente.

Assim como hoje em dia se defende, nos meios educacionais, que as professoras devem partir da realidade de seus alunos, respeitando sua bagagem cultural trazida para a escola, também dever-se-ia fazer o mesmo no interior dos cursos de formação continuada em relação às professoras. Ou seja, suas histórias e práticas de leitura deveriam ser respeitadas, conquistando legitimidade no meio acadêmico, para que fosse possível um real aproveitamento destes cursos por parte das professoras e, conseqüentemente, além das próprias professoras, o ensino público seria um dos maiores beneficiados por essa mudança de perspectiva quanto às suas práticas de leitura.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Irene F. (1997) “A importância da observação participante e do diário de campo para a pesquisa” In Manual Projeto Bairros - Relatório CNPq/CMU, Campinas: Unicamp.
- BOSI, Ecléa (1995) Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos (3ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- CERTEAU, M. (1994) Artes de Fazer: A Invenção do Cotidiano. Petrópolis: Vozes.

- CHARTIER, R. (1990) A História Cultural - entre práticas e representações. Lisboa: Difel.
- \_\_\_\_\_. (1997) "Crítica textual e história cultural - o texto e a voz, séculos XVI-XVII" In *Leitura, Teoria e Prática* n.30, Campinas: ALB: Porto Alegre: Mercado Aberto.
- DIAS-DA-SILVA, Maria Helena G. F. (1998) "O professor e seu desenvolvimento profissional: superando a concepção do aluno incompetente" In *Cadernos CEDES* n. 44, Campinas: CEDES - Unicamp.
- Educação n. 207, Revista mensal do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo, São Paulo: Segmento.
- EZPELETA, Justa & ROCKWELL, Elsie. (1989) *Pesquisa Participante*. Cortez: Autores Associados.
- FOLHA DE SÃO PAULO - Primeiro Caderno - São Paulo, 05 de Maio de 1996.
- FOLHA DE SÃO PAULO - São Paulo, 28 de maio de 1997.
- KLEIMAN, Angela B. (org.) (1995) *Os Significados do Letramento*. Porto Alegre: Mercado de Letras.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina (1996) *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática.
- LINHARES, Célia F. S. (1995) "Política do Conhecimento e Conhecimento na Política da Escola: Perspectivas para a formação de professores" In *Educação e Sociedade* (50). Campinas: Papyrus.
- LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A.(1986) *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- MEIHY, J. C. S. B.(1996) *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
- PAIVA, Vanilda et alii (1997) "Prioridade ao ensino básico e pauperização docente" In *Cadernos de Pesquisa* n. 100, Fundação Carlos Chagas, São Paulo: Cortez.
- PORTELLI, Alessandro (1997) "Tentando aprender um pouquinho, algumas reflexões sobre a ética na história oral" In *Projeto História* n. 15, São Paulo: Educ.
- THEODORO DA SILVA, Ezequiel (1995) *Professor de 1º*. Grau: Identidade em Jogo. Campinas: Papyrus.
- VON SIMSON, Olga (org.) (1997) *Os Desafios Contemporâneos da História Oral*. Campinas: Centro de Memória.